Silene Ferreira Claro¹

Cinema e História: uma reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático

Recebido em: 03/12/2012 - Aprovado em: 21/12/2012 - Disponibilizado em: 26/12/2012

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão teórica e metodológica sobre as possibilidades do uso do cinema como fonte histórica. A partir de tal perspectiva, argumentamos que o professor de História pode utilizar a mesma metodologia para realização de uma pesquisa histórica ao desenvolver suas aulas. Diante disto, analisamos o cinema enquanto fonte levantando as potencialidades de seu uso como material didático nos três níveis da educação: Fundamental, Médio e Superior.

Palavras-chave: Cinema; História; Ensino de História; Metodologia de análise.

Abstract

This paper presents a theoretical and methodological reflection on the possibilities of using film as a historical source. From this perspective, we argue that the history teacher can utilize the same methodology for conducting historical research to develop their lessons. Given this, we analyze the film as source raising the potential of its use as teaching material in all three levels of education.

Keywords: Cinema; History; History Teaching; Methodology of analysis.

¹Silene Ferreira Claro - Doutora em História Social pela FFLCH-USP (2008). Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (1999) e graduação em Licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (1999). Docente no Curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas Campos Salles, cadeira de Metodologia do Ensino de História, Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas à Educação e História da Educação. Docente nos cursos de História e de Pedagogia da Faculdade Sumaré. Foi professora do Centro Universitário Sant'Anna e monitora PAE no Departamento de História da Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, em 2005. Experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, Historiografia e História do Brasil Contemporâneo, África e cultura Afro-brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura brasileira, história cultural, didática do ensino de História e uso de tecnologias na e para a educação. Membro do NDE - Núcleo Docente Estruturante, dentro da Faculdade Sumaré desde agosto de 2012 e também no Centro Universitário Sant'Anna, nos cursos de Licenciatura em História e de Música, conforme orientações do MEC, entre 2008 e 2010. Colaboradora do NDE das Faculdades Integradas Campos Salles. Autora colaboradora na Editora Oxford do Brasil desde 2011. Foi tutora no curso da Escola de Formação de Professores Paulo Renato de Souza na edição de preparação de cursistas para o concurso em 2011. Atuo também como professora de História, Sociologia e Filosofia nos ensinos Fundamental e Médio, na rede privada, em Osasco-SP. E-mail: silene.claro@usp.br

1. Introdução

Desde as críticas formalizadas por Lucien Febvre e Marc Bloch² o campo da História passou por inúmeras transformações. Buscava-se romper com os velhos modelos de pesquisas historiográficas que privilegiavam apenas fontes escritas oficiais, visto que historiadores “profissionais” dedicavam-se aos “grandes feitos de figuras ilustres”. As propostas apresentadas por Bloch e Febvre permitiram a ampliação da noção de fonte histórica, que deixou de ser apenas a documentação escrita, para englobar toda produção humana. Desta forma, atualmente é ponto comum entre os historiadores conceber que toda produção humana pode ser utilizada como fonte histórica, de acordo com as respostas que o pesquisador procura responder.

Assim, ao longo do século XX, para uma boa parte dos historiadores, a história que se escreve (historiografia) é sempre história contemporânea como afirmou Benedetto Croce³. O historiador busca no passado formas para compreender o presente, sempre através das fontes históricas selecionadas. Com a ampliação do conceito de fonte histórica, a partir da inovação introduzida pela Escola dos Annales, selecionamos aqui o cinema como objeto de análise neste breve ensaio.

Analisar a produção cinematográfica nos permite a utilização dos métodos de pesquisa da historiografia, como

demonstrou Cristiane Nova: um filme pode ser submetido às críticas interna e externa, como já demonstrou Collingwood, em seu livro *A idéia de História*⁴. Assim, o filme passa a ser um documento no qual é possível resgatar as representações que se tem da sociedade à qual pertence. Por outro lado, se o filme tiver uma proposta de reconstituição histórica, ele estará falando muito mais das representações que tal sociedade tem de determinado momento do passado do que propriamente daquele período.

Ao analisarmos filmes com conteúdo “histórico”, podemos classificá-los em fontes primárias ou secundárias. Os filmes com conteúdo histórico, que foram analisados como fontes históricas, podem ser considerados do tipo primário, se pretendemos estudar a sociedade na qual foi produzido. Desta forma, por mais que a obra se proponha analisar ou discutir o passado, as características da sociedade que a produziu são as que encontramos. Para exemplificar, podemos fazer referência ao filme *Tróia*, de 2004, dirigido por Wolfgang Petersen. Apesar de se basear na célebre história tratada na obra *Iliada*, de Homero, o filme narra os acontecimentos sem a interferência dos deuses. Coloca a questão como um conflito entre o Ocidente pragmático e o Oriente “religioso”. Assim, percebemos o quanto a obra dialoga com a situação mundial contemporânea, utilizando-se do passado como veículo de discussão do presente.

2 Lucien Febvre e Marc Bloch foram dois historiadores franceses que, no final da década de 1920, propuseram uma nova visão de História que passou a ser conhecida como Escola dos Annales. Tal proposta entende que toda produção humana pode ser considerada fonte histórica, que é a matéria-prima da pesquisa do historiador.

3 GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, pp. 274-292.

4 COLLINGWOOD, R. G., *A idéia de história*. 4 ed., Portugal-Brasil: Editorial Presença-Livraria Martins Fontes, s/d. e GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, pp. 302-319.

Quando analisamos uma fonte do tipo secundária, conseguimos resgatar formas de uma representação do passado que alimentam o presente. Utilizando o mesmo exemplo do filme *Tróia*, podemos observar quais aspectos do passado são reconstruídos, desde construções, gestos, vestimentas, até formas de compreensão do mundo. A personagem Aquiles, representada pelo ator Brad Pitt, em uma conversa com a mãe, na qual discute a escolha de viver uma vida comum ou ser lembrado por toda a eternidade, ele escolhe a segunda opção. Observamos aí, uma relação com o passado que reflete de alguma forma, as propostas de Heródoto, ao registrar o que testemunhava para que o futuro não se esquecesse.

Todos estes elementos estão presentes na análise do historiador quando este se debruça sobre a produção fílmica. Em suma: debate-se com problemas de ordem metodológica, política, ideológica e econômica numa única fonte que é ao mesmo tempo produto cultural de uma sociedade industrial capitalista e exerce grande influência sobre o público que o consome, numa relação dialética.

A questão de o cinema ser considerado como produto cultural está ligada à nossa sociedade na medida em que cada vez mais a população como um todo tem acesso aos vários meios de comunicação de massa, os quais veiculam ideologias e representações da mesma sociedade. Nossa sociedade “consome” a cultura que é veiculada por tais obras. Em muitos casos, é nas personagens do cinema que muitos grupos encontram modelos de comportamento, de conduta, de “heróis”.

2. Possibilidades de classificação de filmes e suas relações com a sociedade

Ao longo de nossa carreira docente, nos últimos dez anos, introduzimos o uso do cinema em nossas aulas nos três níveis do ensino: Fundamental, Médio e Superior. A utilização sempre foi acompanhada de reflexões teóricas e metodológicas na elaboração de roteiros que pudessem ser desenvolvidos juntamente com os alunos. Por outro lado, sempre procuramos observar o envolvimento dos mesmos com a ferramenta e as diversas maneiras de dialogar com ela.

Conforme indicamos no início desta reflexão, optamos por analisar e trabalhar com filmes comerciais, na maior parte das vezes com produções recentes, todos se enquadrando na categoria de não documentários, segundo a proposta apresentada por Cristiane Nova⁵. De acordo com a autora, os filmes podem ser divididos em dois tipos: documentários e não documentários. Não optamos por documentários porque escolhemos filmes que, além de proporcionar uma análise histórica da produção fílmica, uma análise cinematográfica da história e uma discussão do presente, compreendemos que existe em nossa sociedade um movimento que procura divulgar conhecimentos históricos considerados adequados ou até mesmo úteis para o funcionamento da sociedade. Grupos que assim se posicionam muitas vezes são capazes de deter os meios de comunicação e o cinema é um deles. Por este motivo, podemos

5 NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. O Olho da História, 3. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>> Acessado em: 16/10/2006

através do circuito comercial tentar resgatar uma cultura histórica contida nos filmes.

Os não documentários, ou “filmes históricos”, segundo a autora, os quais optamos por trabalhar, podem ser subdivididos em quatro subcategorias: reconstrução histórica; biografia histórica; filme de época; ficção-histórica e filme-mito. Procurando enquadrar nossa produção nesse contexto, podemos distribuir os filmes que utilizamos da seguinte forma:

“Reconstrução histórica: corresponde aos filmes que abordam acontecimentos históricos cuja existência é comprovada pela historiografia e que contam com a presença de personagens históricos reais no seu enredo (interpretados por atores), cuja fidelidade é relativa e se modifica de um filme para outro. Não se trata apenas dos filmes em que se realiza uma reconstrução audiovisual do passado (o que dificilmente é levado às últimas consequências) ou mesmo dos fatos, mas também daqueles em que são esboçadas interpretações históricas, utilizando fatos comprovadamente reais. Como exemplos de reconstruções históricas, podemos citar Outubro (1927, S. Eisenstein), A lista de Schindler (1993, S. Spielberg), Spartacus (1960, S. Kubrick), 1592: a conquista do paraíso (1992, Ridley Scott) ou A rainha Margot (1994, Patrice Chéreau).

Propomos a ampliação da lista acima com outros títulos, mais recentes e comerciais. O Príncipe do Egito; Spartacus; Gladiador; Cruzada; A Missão; As vinhas da ira; 1492 – a conquista do paraíso; Batismo de sangue; Estado de sítio; Munique; O novo mundo.

Biografia histórica: trata-se dos filmes que se debruçam sobre a vida de um indivíduo e as sua[s] relações com os processos históricos. Na maior parte dos casos, esses filmes se limitam à abordagem da vida dos chamados “grandes homens”, ou seja, aqueles indivíduos destacados pela historiografia escrita e, principalmente, a tradicional. Como exemplos, citamos

Napoleão (1927, Abel Gance), Cromwell (1970, Ken Hughes), Lamarca (1994, Sérgio Resende) ou Rosa Luxemburgo (1986, Margareth von Trotta).

Acrescentamos, a esta lista: Lutero; Joana D’Arc; Amadeus; Caramuru – a invenção do Brasil; Elizabeth; Agonia e Êxtase (sobre a vida de Michelangelo); Rei Arthur; Em nome de Deus (sobre a vida do filósofo Abelardo); Elizabeth – a era do ouro; Sandino; Napoleão – a última batalha do imperador; Stalin; Átila; Demetrius e os gladiadores; Olga; São Francisco; Alexandre; Zuzu Angel.

Filme de época: compreende aqueles filmes cujo referente histórico não passa de um elemento pitoresco e alegórico, e cujo argumento nada possui de histórico no sentido mais amplo do termo. São inúmeros os exemplos de filmes de época: Sissi (1955, Ernst Marishka), A amante do rei (1990, Axel Corti) ou Angélica e o rei (1965, Borderie). Mesmo assim, alguns deles podem possuir elementos interessantes para o historiador, principalmente aqueles em que existe uma preocupação formal maior com a reconstrução ambiental e dos costumes, como é o caso de Ligações perigosas (1988, Steven Frears), por exemplo.

Acrescentamos a esta lista: Desmundo; O piano; O ovo da serpente; A casa da Rússia; O carteiro e o poeta.

Ficção histórica: abarca os filmes cujo enredo é ficcional, mas que, ao mesmo tempo, possui um sentido histórico real. Como exemplo deste tipo de filme, podemos citar O nome da rosa (1986, Jean-Jaques Annaud), A greve (1923, Eisenstein), A guerra do fogo (1981, Jean-Jaques Annaud), Lili Marlene (1980, Fassbinder) etc.

Gostaríamos de acrescentar a esta lista os seguintes filmes: Círculo de fogo; Diamante de sangue; Gladiador; Cruzada; O menino do pijama listrado; A vida é bela.

Filme-mito: são aqueles filmes que se debruçam sobre a mitologia e que podem conter elementos importantes para a reflexão histórica. Muitas vezes, o mito é apresentado

em paralelo a fenômenos históricos reais. Podemos citar, por exemplo, *El Cid* (1961, Antonny Mann) e *A guerra de Tróia* (1961, Giorgio Ferroni).

Além dos filmes propostos pela autora, sugerimos também: *El Cid* – a lenda (animação); *Tróia*; *Odisséia*; *As brumas de Avalon*; *Excalibur*; *Fúria de Titãs*; *Tristão e Isolda*; *Kirikou e a feiticeira*; *Kirikou e os animais selvagens*; *O feitiço de Áquila*; *A lenda da flauta mágica*; *A lenda de Beowulf*.

Filme etnográfico: agrupa os filmes realizados com interesses científico-antropológicos. Como exemplo, podemos citar a produção pioneira de Flaherty (Nanouk, o esquimó).

Adaptações literárias e teatrais: engloba os filmes que são oriundos de uma adaptação de obras literárias e teatrais do passado. Alguns exemplos são *Germinal* (1995, Claude Berri), *Luciola: o anjo pecador* (1975, Alfredo Sternheim), *Os miseráveis* (1978, Gleal Joadan), *Hamlet* (1990, F. Zeffirelli), *Henrique V* (1945, Laurence Olivier), *1984* de Orwell (1984, Michael Readford).⁶

Os filmes que são adaptações de obras literárias e que podem ser classificados segundo as categorias acima, fazendo parte, inclusive de mais de uma categoria. Podemos citar uma breve lista de obras literárias e/ou teatrais que ganharam versões cinematográficas: *2001 – Uma Odisséia no Espaço*, *Desmundo*, *Germinal*, *O homem da Máscara de Ferro* (também podem ser considerados como filmes de época); *As Brumas de Avalon*, *Tróia*, *Odisséia*, *Tristão e Isolda* (que se enquadram na categoria filme-mito). *Sonho de Uma Noite de Verão*, *Hamlet*, *O Mercador de Veneza*, adaptações da obra de Shakespeare, podem ser enquadrados como filmes de época também, além de

alguns nacionais como *O Cortiço*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *A Moreninha*. *Macunaíma*, adaptação literária, também pode ser enquadrada como filme-mito.

Alguns filmes serão analisados mais detalhadamente como: *O Nome da Rosa*, um filme de época adaptação literária e *Eles Não Usam Black-tie*, adaptação cinematográfica de uma produção teatral, assim como *O Auto da Compadecida*.

Caramuru – a invenção do Brasil, é uma adaptação de um poema épico do século XVIII com diálogo com outra obra: *Os Lusíadas*. Outra adaptação literária é *A Revolução dos Bichos*, que pode ser enquadrado como filme-mito.

3. Professor de História e Historiador: utilização dos métodos de pesquisa como recurso didático

Marc Ferro nasceu em 1924, na França e desde cedo dedicou-se a estudar o cinema. Integrou-se ao grupo dos Annales, trabalhando na como co-diretor da revista do grupo. É conhecido como um dos pioneiros da teorização e da aplicação da relação cinema-história. Seu artigo inaugural “O filme: uma contra-análise da sociedade” foi publicado na “enciclopédia” da Nova História, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *Faire de l’histoire*.

Marc Ferro, no seu livro *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*, teorizou sobre os usos ideológicos do cinema. Segundo ele,

“Hoje já está em tempo de se colocarem frente a frente todas essas representações

⁶ NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. *O Olho da História*, 3. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>> Acessado em: 16/10/2006

porque, com a ampliação do mundo, sua unificação econômica e fragmentação política, o passado das sociedades é mais do que nunca um dos alvos do confronto entre Estados e Nações, entre culturas e etnias. Controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderes dominantes, Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais eles entregam a cada um e a todos um passado uniforme.”

A partir de tal reflexão, propomos a necessidade de que o ensino de História, nas escolas de nível Fundamental e Médio, inclua a utilização dos meios de comunicação de massa, já que os estudantes têm acesso com grande facilidade a tais veículos. Por outro lado, é necessário que seja uma utilização crítica de tais produções culturais, e para comprovar é que iniciamos este ensaio discutindo sobre as fontes históricas e a metodologia de análise das mesmas. Tal procedimento é um caminho para uma utilização crítica da produção filmica em sala da aula. Isso pressupõe que o professor e o historiador atuem conjuntamente neste processo.

A atuação do professor-historiador em sala de aula permite que os filmes utilizados sejam compreendidos como uma representação daquela sociedade, de um determinado passado e tal representação é um discurso possível, dentre tantos outros nos quais as fontes históricas podem permitir, dependendo dos questionamentos feitos.

O uso do cinema no ensino de História pode contribuir para a construção de competências necessárias para o aprendizado histórico, para que o aluno desenvolva uma formação histórica.

“A linguagem própria da imagem auxiliará na construção do conhecimento histórico do aluno, construção esta que passa por elaboração de operações mentais, para resultar em efeitos sociais, como os enumerados por Jean Peyrot, citado por Henri Moniot:

- transmitir uma memória coletiva, revista e corrigida a cada geração, que coloca o aluno diante de uma consciência coletiva;
- formar a capacidade de julgar — comparando sociedades em épocas diferentes, e a existência delas ao mesmo tempo em locais diferentes — que tem como efeito social o desenvolvimento do espírito crítico e da tolerância;
- analisar uma situação — aprendendo a isolar os componentes e as relações de força de um acontecimento ou de uma situação — que leva ao refinamento do espírito, antídoto ao simplismo de pensamento;
- formar a consciência política como instrumento de coesão social, memória de um grupo que toma consciência de um destino comum.⁷

Avançando para o tópico desenvolvido na sequência, compreendemos que o aprendizado pode levar à formação histórica esta, por sua vez, ajuda a nos identificar e relacionar com a consciência histórica, elemento que proporciona significação ao nosso entendimento da nossa relação com a sociedade e com o tempo. Para a construção da consciência histórica, percebemos que pode se valer de competências que são necessárias para a compreensão de um filme.

7 ABUD, Kátia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, São Paulo, 22(1); 2003, p. 190.

“Na perspectiva acima, pode-se afirmar que o filme promove o uso da percepção, uma atividade cognitiva que desenvolve estratégias de exploração, busca de informação e estabelece relações. Ela é orientada por operações intelectuais, como *observar, identificar, extrair, comparar, articular, estabelecer relações, sucessões e causalidade*, entre outras. Por esses motivos, a análise de um documento filmico, qualquer que seja seu tema, produz efeitos na aprendizagem de História, sem contar que tais operações são também imprescindíveis para a inteligibilidade do próprio filme.”⁸

Compreendemos, então, que tais competências muitas vezes são as mesmas utilizadas pelo historiador quando desenvolve uma pesquisa, assim como quando observa suas fontes procurando conexões entre os dados encontrados. Se o historiador pretende oferecer uma explicação ou uma compreensão do passado, ele utiliza-se dessas – e de outras – operações intelectuais presentes nos métodos racionais de indução, dedução e abdução, por exemplo.

Cabe então ao historiador que exerce o papel de professor criar mecanismos para que tais competências sejam acionadas e percebidas pelos alunos, que passarão a utilizá-las em outros contextos além da análise filmica.

4. Discussão sobre roteiro de análise de um filme a ser utilizado

Durante os anos letivos de 2005, 2007, 2008, 2011 e 2012 aplicamos em duas escolas da rede particular de ensino, em São Paulo, um projeto de apresentação e discussão sobre filmes que reconstituem o passado, numa proposta de “revisar” o conteúdo programático de história para os

alunos do nono ano do Ensino Fundamental, além dos três anos do Ensino Médio. No ano de 2005, participaram apenas os alunos do terceiro ano do Ensino Médio que prestaram provas vestibulares naquele ano. A montagem do projeto seguiu ao pedido do grupo de alunos que acompanharam os filmes durante o ano.

As produções eram apresentados uma vez por semana, em dias fixos, às tardes, no horário inverso ao de aula daquelas turmas. Desta forma, apenas os alunos que podiam dispor destas horas participaram voluntariamente, sem nenhum vínculo com avaliações que fossem feitas. Aliás, as avaliações formais não foram realizadas, apenas ao final de cada discussão eles julgavam o que tinham apreendido a partir da proposta do filme do dia. Nesse aspecto, utilizamos as perspectivas da Didática da História que valoriza a narrativa como uma forma de construção e manutenção da consciência histórica. Iniciamos com um grupo pequeno de alunos que diminuiu na medida em que se aproximavam as provas, pois muitos também faziam cursinhos preparatórios. Terminamos nos anos de 2005, 2007 e 2008, com um grupo oscilante entre ficaram até a última apresentação. O processo ainda está em andamento desde o ano de 2011.

A proposta da apresentação dos filmes, seguindo opção do grupo, foi uma sequência cronológica dos acontecimentos históricos tal como se encontram distribuídos no material didático que, por sua vez, atende aos critérios das propostas de conteúdos programáticos indicados pelo sistema educacional brasileiro. Apesar do critério de escolha cronológico das obras, o

8 ABUD, Kátia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, São Paulo, 22(1); 2003, p. 191. (Grifos nossos)

desenvolvimento das discussões procurava estabelecer discussões temáticas, saindo da perspectiva de história linear. Destacamos assim que, mesmo trabalhando com materiais “tradicionais”, quando o professor de História conhece os meandros teóricos e metodológicos de sua profissão, consegue contornar essa dificuldade.

Fora nossa opção escolher filmes comerciais, recentes, para que, através das críticas, análises anacrônicas, pudéssemos debater acerca do momento histórico selecionado, revisando a historiografia, ao mesmo tempo em que foram discutidos alguns problemas da nossa sociedade, visto que os filmes escolhidos eram conhecidos pelos estudantes que, até então, os viam apenas como entretenimento. Para todos os filmes apresentados, elaboramos um roteiro de análise, contendo crítica interna e externa, para orientação dos alunos.

Gradativamente procuramos instrumentalizar a consciência histórica dos nossos como pertencentes de uma organização temporal. Por outro lado, procuramos estimular as competências de comparação, crítica, análise, e outras constitutivas de um posicionamento consciente diante da sociedade.

5. Explicação da metodologia desenvolvida

Conforme destacamos acima, para todos os filmes que assistimos com os estudantes, preparamos um roteiro de análise (críticas interna e externa), cujos alunos liam antes de assistir às imagens e depois para as discussões do grupo acerca do filme. Apresentamos abaixo o esquema do roteiro desenvolvido:

a) **Ficha técnica:** Nome original; local e data de produção; estúdio produtor; diretor e roteirista; elenco com identificação das personagens; gênero; duração e classificação da produção.

b) **Sinopse:** Um breve resumo sobre o enredo do filme.

c) **Comentários:** Uma breve biografia e filmografia do diretor, descrição dos conflitos durante a produção do filme, custos e críticas. Conhecer a biografia do autor fornece elementos para compreender melhor cada uma das obras, pois é possível situar o contexto em que o filme foi produzido, assim destacando a discussão que ele retoma.

d) **Conceituação:** Uma análise, com base na historiografia referente ao assunto, sobre o período que o filme procura retratar.

e) **Roteiro de análise das imagens:** Uma forma de direcionar o olhar dos alunos para determinados pontos do filme que podem tanto destacar aspectos do tempo representado quanto da sociedade em da qual o filme é produto. Neste ponto são colocadas interrogações acerca de práticas, convenções e mesmo o uso de cores e características das personagens.

f) **Interdisciplinar:** Uma proposta de colocar o filme como um trabalho interdisciplinar, através de sugestões de pesquisas ou questões envolvendo outras áreas do conhecimento.

g) **Para refletir:** São levantadas, nesta parte, várias questões que propõe que o aluno pense na relação passado-presente, na observação de permanências e rupturas e na ideologia da sociedade na qual ele vive pretende que seja a “certa”.

h) **Bibliografia:** Apresentamos a bibliografia consultada para a montagem de cada um dos roteiros, disponibilizando inclusive endereços de websites para os alunos que se interessarem em pesquisar mais sobre o assunto.

6. Avaliação da utilização e vantagens e desvantagens

Gostaríamos de destacar que esta metodologia é apenas uma possibilidade, que não pretende ser única. Para os níveis do ensino com o qual trabalhamos, tal metodologia funcionou satisfatoriamente. Entretanto, para o Ensino Fundamental a mesma metodologia foi além dos limites de assimilação dos estudantes, sendo necessárias determinadas reduções. O que não significa que o professor-historiador não possa montar tal roteiro. Entendemos que um roteiro como este, pode ajudar inclusive o professor na organização de discussões, mesmo que a turma não tenha acesso ao roteiro.

Destacamos ainda que o projeto tem o caráter escolar, não pretendendo oferecer uma análise historiográfica acadêmica da produção fílmica. Este fato não nos impediu de utilizarmos a metodologia

acadêmica para conseguirmos montar tais esquemas, conforme discutimos nos itens sobre a formação do historiador, do professor de História e o tratamento das fontes.

A proposta é abrangente, porque estimula nos alunos um olhar crítico sobre os produtos que eles e a sociedade toda consomem de forma mecânica. Muitos deles relataram que durante as provas dos vestibulares, ou outros testes realizados, eram as imagens dos filmes que os ajudavam a relembrar e reorganizar o conhecimento na hora de responder às questões. Desta forma, avaliamos o resultado como positivo, pois, até outras disciplinas foram contempladas pelas “lembranças” dos filmes e pelas discussões em torno dos mesmos. Acreditamos que tal fato seja vantajoso, já que os alunos tiveram acesso ao mesmo conteúdo que teriam pela forma escolar, porém numa linguagem muito mais agradável e inteligível a eles.

Observamos algumas desvantagens como: a falta de estrutura (equipamentos, salas adequadas) para que os alunos pudessem assistir aos filmes de forma confortável, visto que são filmes de longa duração. A dificuldade que muitos tiveram pelo fato de as seções acontecerem em horários diferentes aos da grade escolar. Se as sessões fossem durante o horário das aulas, um número maior de alunos tivesse acesso. Entretanto, uma iniciativa como essa precisaria deixar de ser um costume isolado de um ou outro professor, como foi no nosso caso, para ser uma proposta realmente interdisciplinar.

7. Comparação de linguagens: literatura e cinema e as possibilidades de análise das adaptações cinematográficas

Já apontamos anteriormente que o cinema passou, e em muitos casos ainda convive com conflito de identidade. Ao dialoga com a música, com a literatura, com o teatro, com pintura e escultura, a produção filmica engloba todos os tipos de arte.

Para os limites desta reflexão, pretendemos levantar algumas questões sobre as relações entre cinema e literatura, principalmente. São duas formas de narrativas que, com seus diferentes formatos, podem contribuir para a construção da narrativa sobre a história que cada um pode fazer, no sentido de perceber e consolidar a consciência histórica.

A literatura tem uma característica que pode contribuir e muito para a construção do conhecimento da História. Trata-se do uso da linguagem escrita. Esta, conforme se desenvolve, logo que o indivíduo dela se apropria, tem maior a capacidade de abstração, de uso de pensamento racional. Conhecer e compreender a história escrita exige que o pensamento racional tenha competências de sistematização, comparação, estabelecer conexões e relações, que podem ser apropriados a partir da linguagem.

Aliás, compreendemos que um pensamento só se efetiva através de palavras e quanto maior for o domínio das mesmas, melhor será a capacidade de encadeamento de pensamentos, ideias. Em grande parte, o pensamento que gera a História escrita funciona através de analogias, operações mentais complexas

que articulam o conhecimento histórico. Esse mesmo procedimento pode ser utilizado para que indivíduos e grupos se orientem no tempo, utilizando assim a consciência histórica.

Ao empregarmos outra linguagem, a imagética, conseguimos, de certa forma, dar cor e forma às ideias abstratas. É nesse ponto que percebemos que a utilização do cinema complementa tais operações mentais que tanto podem partir de abstrações quanto podem chegar a elas. Isso significa dizer que tanto podemos iniciar a construção de conceitos históricos através da abstração, para depois se consolidarem através das imagens, quanto podemos partir das imagens para a construção de conhecimentos abstratos.

É importante destacar que há um diálogo entre as duas linguagens. Muitas obras cinematográficas são, em sua origem, obras escritas, mesmo que não tenham sido adaptações de obras literárias. Nesse ponto é importante destacar que o que vemos nas telas é apenas uma parcela de um trabalho imenso que se inicia quase sempre em um roteiro escrito. As ideias estão ali colocadas e precisam ser transformadas em imagens. Quantas páginas José de Alencar utilizou para descrever sua *Iracema*? Em quanto tempo de filme essa descrição se realiza?

Outra importante característica dos filmes com conteúdo histórico é a de que existe toda uma equipe que se dedica ao levantamento de aspectos visuais da época retratada. É um verdadeiro trabalho de pesquisa. Lembremos o filme *O nome da rosa*. A história se passa em um mosteiro do século XIV. Para Umberto Eco descrever em palavras há uma complexidade. Para Jean-Jacques Anaud,

diretor do filme, descrever em imagens requer outro grau de complexidade. A preocupação com a verossimilhança em muitas obras faz com que equipes inteiras se desdobrem para sua reconstrução, como no caso do filme citado, que teve assessoria do medievalista Jacques Le Goff.

Teoricamente, se o historiador pretende que sua escrita proporcione ao seu leitor a consciência histórica capaz de orientá-lo em sua vida prática, a comparação das linguagens, culminando na imagética, pode

proporcionar o reconhecimento da situação representada e até mesmo a identificação do pertencimento a um tempo.

Quando se inicia pela leitura para depois usar a imagem cinematográfica – opção que geralmente utilizamos na Educação Básica, trabalhamos com as várias competências que podem contribuir para a construção e manutenção de uma consciência histórica, já que nossos alunos têm chances de identificar como a mesma aparece na cultura histórica. .

Referências Bibliográficas

- ABUD, Kátia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, 22(1); 2003
- ALMEIDA, Juniel Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe. **Cineclube, Cinema & Educação**. Londrina: Práxis, Bauru: Canal 6, 2010.
- ANTUNES, João Carlos, SANTOS, Vitor Augusto, SOARES, Sandra Matos. **O Nome da Rosa: A personagem Guilherme Baskerville**. http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe1.htm (acessado em 16/05/2005)
- ANTUNES, Ricardo C. **O que é sindicalismo**. 14ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 6. Ed., Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRANCO, Alberto Manuel Vara. **O cinema nas décadas de 30 a 50 do século XX: uma visão histórica**. Dados disponíveis em: <http://www.ipv.pt/forumedia/5/15.htm> (acessado em 16/02/2011).
- BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. **A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2008 Vol. 5 Ano V nº 1

CAPELATO, Maria Helena, MORETTIN, Eduardo, NAPOLITANO, Marcos, SALIBA, Elias Thomé. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. **História**, São Paulo, 23 (1-2): 2004 (acessado em 12/05/2007)

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

EVANGELISTA, Rafael, BARBIERI, Andréia. **Nas fronteiras entre o cinema e a História**. In: <http://www.comciencia.br/especial/cinema/cine01.htm> (acessado em 17/10/2006)

FONSECA, Selva Guimarães; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Perspectivas do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica**. Uberlândia: Edufu, 2011.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FRANÇA, George Luiz. **Apocalipses semióticos e ecos de mortes, labirintos e livros: visitando O nome da Rosa**. <http://www.mafua.ufsc.br/george.html> (acessado em 12/06/2005).

GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GLEZER, Raquel. **A História nas bancas de jornais**. Eclética 2005. Publicação Eventual do Departamento de História da FFLCH/USP.

GLEZER, Raquel. **A noção do tempo e o Ensino de História**. LPH, Revista de História, v.2, n.1, 1991.

GRAÇA, Marcos da Silva; AMARAL, Sergio Botelho do; GOULART, Sonia. **Cinema Brasileiro: três olhares**. Niterói: Eduff, 1997.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (História &... Reflexões)

História do cinema. Dados disponíveis em <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/carla2int.htm> (acessado em 11/03/2009).

História, Teoria da História e Culturas Historiográficas: Entrevista com Astor Antônio Diehl. Entrevistadores: Cláudia Engler Cury, Elio Chaves Flores e Raimundo Barroso Cordeiro Jr.; Transcrição: Alessandro Moura de Amorim (Mestrando PPGH/UFPB). *SAeculum* - REVISTA DE HISTÓRIA [21]; João Pessoa, jul./ dez. 2009.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. 3. Ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

MACHADO, João Luis Almeida. Sherlock Holmes Medieval - "O Nome da Rosa" http://www.planetaeducacao.com.br/cinema/nome_rosa.asp (acessado em 09/05/2005)

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o Patrimônio. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.

MIUCCI, Carla. HISTÓRIA DO CINEMA: Um breve olhar. Dados disponíveis em: <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/carla2int.htm> (acessado em 12/02/2011).

MUNAKATA, Kazumi. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 513-529, set./dez. 2004

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. **O Olho da História**, 3. Dados disponíveis em: <http://www.oolahdahistoria.ufba.br/o3cris.html> (acessado em 16/10/2006)

POSSAMAI, Zita Rosane. Museu e arquivo: laboratórios de aprendizagem e descobertas. In: LENSKIJ, Tatiana, HEIFER, Nadir Emma (Org.). **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc-ANPUH/RS, 2000, pp. 97-106.

PRADO NETTO, Arthur. O caso "A Rainha Margot": Psicanálise e História. In: **O Olho da História**, <http://www.oolahdahistoria.ufba.br/o3cris.html> (acessado em 16/10/2006)

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2000.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos: Cinema e História do Brasil**. Bauru: Edusc, 2002.

ROIZ, Diogo da Silva. A 'crise de paradigmas' nas Ciências Sociais, uma questão relativa à teoria da história? **Topoi**, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 261-266.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**, volume 12 - 1º semestre - 2008 - p. 81-96

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Dos Santos, GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SCHWARTZ, Adriano (Org.) **Memórias do presente**: 100 entrevistas do mais! – conhecimento das artes. São Paulo: Publifolha, 2003.

SILVA, Humberto Pereira da. **Ir ao cinema**: um olhar sobre filmes. São Paulo: Musa Editora, 2006.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. 3. Ed., Campinas: Papirus, 2010.

SILVA, Rogério Chaves da. A dimensão narrativa e a didática da História em Jörn Rüsen. OPSIS, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009.

SILVA, Vitória Rodrigues e. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. **História**, São Paulo, 23 (1-2): 2004

VIRILIO, Paulo. **Guerra e Cinema**: logística da percepção. São Paulo: Boitempo, 2005 (Coleção Estado de Sítio).

ZIZEK, Slavoj. **Lacrimae rerum**: ensaios sobre cinema moderno. São Paulo: Boitempo, 2009.